

Poemas

Quinhentismo

Jesus na manjedora

José de Anchieta

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado?
- Jazo aqui por teu pecado. – Ó menino mui formoso,
Pois que sois suma riqueza, Como estais em tal
pobreza? – Por fazer-te glorioso E de graça mui
colmado, Jazo aqui por teu pecado. – Pois que não
cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino, Que vos fez tão
pequenino? – O amor me deu este véu, Em que jazo
embrulhado, Por despir-te do pecado. – Ó menino de
Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem vos fez de
tal idade? – Por querer-te todo o bem E te dar eterno
estado, Tal me fez o teu pecado.

Barroco

A cidade da Bahia

Gregório de Matos

“A cada canto um grande conselheiro. que nos quer governar cabana, e vinha, não sabem governar sua cozinha, e podem governar o mundo inteiro. Em cada porta um freqüentado olheiro, que a vida do vizinho, e da vizinha pesquisa, escuta, espreita, e esquadrinha, para a levar à Praça, e ao Terreiro. Muitos mulatos desavergonhados, trazidos pelos pés os homens nobres, posta nas palmas toda a picardia. Estupendas usuras nos mercados, todos, os que não furtam, muito pobres, e eis aqui a cidade da Bahia.”

Arcadismo

Lira XIX

Tomás Antônio Gonzaga

Enquanto pasta alegre o manso gado, minha bela
Marília, nos sentemos à sombra deste cedro
levantado. Um pouco meditemos na regular beleza,
que em tudo quanto vive nos descobre a sábia
Natureza. Atende como aquela vaca preta o novilhinho
seu dos mais separa, e o lambe, enquanto chupa a lisa
teta. Atende mais, ó cara, como a ruiva cadela suporta
que lhe morda o fi lho o corpo, e salte em cima dela.
Repara como, cheia de ternura, entre as asas ao fi lho
essa ave aquece, como aquela esgravata a terra dura,
e os seus assim sustenta; (...)

Primeiro geração do romantismo

Canção do exílio

Gonçalves Dias

Minha terra tem palmeiras Onde canta o Sabiá, As
aves, que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá. Nosso
céu tem mais estrelas, Nossas várzeas têm mais fl
ores, Nossos bosques têm mais vida, Nossa vida mais
amores. Em cismar, sozinho, à noite, Mais prazer
encontro eu lá; Minha terra tem palmeiras, Onde
canta o Sabiá. Minha terra tem primores, Que tais não
encontro eu cá; Em cismar – sozinho, à noite – Mais
prazer encontro eu lá; Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá. (...)

Segunda geração do romantismo

Pálida imagem

Álvares de Azevedo

No delírio da ardente mocidade Por tua imagem
pálida vivi! A flor do coração no amor dos anjos
Orvalhei-a por ti! O expirar de teu canto lamentoso
Sobre teus lábios que o palor cobria, Minhas noites de
lágrimas ardentes E de sonhos enchia! Foi por ti que
eu pensei que a vida inteira Não valia uma lágrima...
sequer, Senão num beijo trêmulo de noite... Num olhar
de mulher! Mesmo nas horas de um amor insano,
Quando em meus braços outro seio ardia, A tua
imagem pálida passando A minh'alma perdia. (...)

Terceira geração do romantismo

O navio negreiro

Castro Alves

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço Brinca o
 luar — dourada borboleta; E as vagas após ele
correm... cansam Como turba de infantes inquieta.
'Stamos em pleno mar... Do firmamento Os astros
 saltam como espumas de ouro... O mar em troca
 acende as ardentias, — Constelações do líquido
tesouro... 'Stamos em pleno mar... Dois infinitos Ali
 se estreitam num abraço insano, Azuis, dourados,
 plácidos, sublimes... Qual dos dous é o céu? qual o
oceano?... 'Stamos em pleno mar. . . Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas, Veleiro brigue
 corre à flor dos mares, Como roçam na vaga as
 andorinhas... (...)

Realismo

A uma senhora que me pediu versos

Machado de Assis

Pensa em ti mesma, acharás Melhor poesia, Viveza,
graça, alegria, Doçura e paz. Se já dei flores um dia,
Quando rapaz, As que ora dou têm assaz Melancolia.
Uma só das horas tuas Valem um mês Das almas já
ressequidas. Os sóis e as luas Creio bem que Deus os
fez Para outras vidas.

Naturalismo

Se eu morresse amanhã

Aluísio de Azevedo

Se eu morresse amanhã, viria ao menos Fechar meus
olhos minha triste irmã; Minha mãe de saudades
morreria Se eu morresse amanhã! Quanta glória
pressinto em meu futuro! Que aurora de porvir e que
amanhã! Eu perdera chorando essas coroas Se eu
morresse amanhã! Que sol! que céu azul! que doce
n'alva Acorda a natureza mais louçã! Não me batera
tanto amor no peito Se eu morresse amanhã! Mas
essa dor da vida que devora A ânsia de glória, o
doloroso afã... A dor no peito emudecera ao menos Se
eu morresse amanhã!

Parnasianismo

Ao coração que sofre

Olavo Bilac

Ao coração que sofre, separado Do teu, no exílio em
que a chorar me vejo, Não basta o afeto simples e
sagrado Com que das desventuras me protejo. Não me
basta saber que sou amado, Nem só desejo o teu
amor: desejo Ter nos braços teu corpo delicado, Ter
na boca a doçura de teu beijo. E as justas ambições
que me consomem Não me envergonham: pois maior
baixeza Não há que a terra pelo céu trocar; E mais
eleva o coração de um homem Ser de homem sempre
e, na maior pureza, Ficar na terra e humanamente
amar.

Simbolismo

Alucinação

Cruz e Sousa

Ó solidão do Mar, ó amargor das vagas, ondas em convulsões, ondas em rebeldia, desespero do Mar, furiosa ventania, boca em fel dos tritões engasgada de pragas. Velhas chagas do sol, ensanguentadas chagas de ocasos purpúreos de atroz melancolia, luas tristes, fatais, da atra mudez sombria De trágica ruína em vastidões pressagas. Para onde tudo vai, para onde tudo voa, sumido, confundido, esboroado, à toa, no caos tremendo e nu dos tempos a rolar? Que Nirvana genial há de engolir tudo isto, mundos de Inferno e Céu, de Judas e de Cristo, luas, chagas do sol e turbilhões do Mar?!

Pré-modernismo

Versos íntimos

Augusto dos Anjos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável Enterro de tua última quimera. Somente a Ingratidão - esta pantera - Foi tua companheira inseparável! Acostuma-te à lama que te espera! O Homem, que, nesta terra miserável, Mora, entre feras, sente inevitável Necessidade de também ser fera. Toma um fósforo. Acende teu cigarro! O beijo, amigo, é a véspera do escarro, A mão que afaga é a mesma que apedreja. Se a alguém causa inda pena a tua chaga, Apedreja essa mão vil que te afaga, Escarra nessa boca que te beija!

Modernismo

Quadrilha

Carlos Drummond de Andrade

João amava Teresa que amava Raimundo que amava
Maria que amava Joaquim que amava Lili, que não
amava ninguém. João foi para os Estados Unidos,
Teresa para o convento, Raimundo morreu de
desastre, Maria ficou para tia, Joaquim suicidou-se e
Lili casou com J. Pinto Fernandes que não tinha
entrado na história.

Pós modernismo

Meu povo, meu poema

Ferreira Gullar

Meu povo e meu poema crescem juntos como cresce
no fruto a árvore nova No povo meu poema vai
nascendo como no canavial nasce verde o açúcar No
povo meu poema está maduro como o sol na garganta
do futuro Meu povo em meu poema se reflete como a
espiga se funde em terra fértil Ao povo seu poema
aqui devolvo menos como quem canta do que planta